

Linguística:

Linguagem,
línguas naturais e
seus discursos

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Linguística:

Linguagem,
línguas naturais e
seus discursos

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

iStock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Brito de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramirez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística: linguagem, línguas naturais e seus discursos

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística: linguagem, línguas naturais e seus discursos /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-265-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.651212107>

1. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa
de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA: LINGUAGEM, LÍNGUAS NATURAIS E SEUS DISCURSOS**, coletânea de trinta capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos, estudos literários; estudos em educação, leitura e ensino.

Estudos linguísticos traz análises sobre gramática, historiografia linguística, lexicogramática, metáfora, linguagem voltada à comunicação, sentido, gesto-fala, língua inglesa, tecnologia, discurso, análise do discurso.

Em estudos literários são verificadas contribuições que versam sobre discurso e literatura nas mídias digitais.

Estudos em educação, leitura e ensino congrega estudos sobre profissional docente, formação de professores indígenas, intervenção pedagógica, sistema público educacional, leitura e ensino de língua.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

POR UMA EDIÇÃO CRÍTICA DA GRAMÁTICA DE ANCHIETA (1595)


Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121071>

CAPÍTULO 2..... 13

O CONCEITO DE LETRA NA GRAMÁTICA QUINHENTISTA DE JOÃO DE BARROS, À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA (HL)


Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121072>

CAPÍTULO 3..... 23

UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL DE TEXTOS SAGRADOS DA UMBANDA: LEXICOGRAMÁTICA E MANUTENÇÃO COSMOLÓGICA

Cláudio Márcio do Carmo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121073>

CAPÍTULO 4..... 35

A PERSONIFICAÇÃO DO CORONAVIRUS NAS CHARGES: PROLEGÔMENOS ACERCA DAS METÁFORAS BÉLICAS PRODUZIDAS NO COTIDIANO DOS TEMPOS DE PANDEMIA

Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo

Sérgio Arruda de Moura


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121074>

CAPÍTULO 5..... 51

INFORMAÇÃO EM ÉPOCAS DE PANDEMIA: UM OLHAR DO PONTO DE VISTA DA LINGUAGEM VOLTADA À COMUNICAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

Sandro Omar de Oliveira Santos

Ruberval Franco Maciel


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121075>

CAPÍTULO 6..... 64

NÓS OU A GENTE?

UMA OBSERVAÇÃO EM ALAGOINHAS, BAHIA

Fernanda Figueira Fonseca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121076>

CAPÍTULO 7..... 75

O SILÊNCIO E O SENTIDO NA LINGUAGEM (A)TÍPICA


Tamiles Paiva Novaes

Simone Maximo Pelis

Adriana Vespasiana Magalhães Dias

Iva Ribeiro Cota


Jhenifer Vieira da Silva
Elisângela Andrade Moreira Cardoso
Brena Batista Caires
Débora Evelyn Macedo dos Santos Silva
Gabriela Cangussu de Souza Moraes
Nirvana Ferraz Santos Sampaio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121077>

CAPÍTULO 8..... 87

A RELAÇÃO GESTO-FALA NOS MOMENTOS DE FLUÊNCIA/DISFLUÊNCIA NA APRESENTAÇÃO ORAL DE PESQUISA CIENTÍFICA


Cirana Raquel Vasconcelos Dantas
Késia Vanessa Nascimento da Silva
Renata Fonseca Lima da Fonte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121078>

CAPÍTULO 9..... 97

ESTAGNAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL


Cássia Cristina Rezende
Denner Robert Faria
Paulo César Rezende
Aline Franciel de Andrade
Jaqueline Lima da Conceição Souza
Laylla Luanna de Mello Frasca
Mariana Aguiar Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6512121079>

CAPÍTULO 10..... 108

EXPLING: UMA PLATAFORMA AMIGÁVEL À EXPERIMENTAÇÃO LINGUÍSTICA *WEB*


Victor Pereira de Lima
Graziele Soares
Kátia Nazareth Moura de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210710>

CAPÍTULO 11 130

TECNOLOGIA, FORMA CULTURAL E MEDIAÇÃO EM “DAS MASSAS À MASSA”: MÍDIA E DISCURSO


David Christian de Oliveira Pereira
Edwani Aparecida Pereira
Zelinda Maria Albuquerque Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210711>

CAPÍTULO 12..... 140

REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER NA MÍDIA *ONLINE* SOB APORTE DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA


Diego da Silva Hilarino
Juliana Ferreira Vassolér

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210712>

CAPÍTULO 13..... 151

FEMINICÍDIO: OS SENTIDOS NOS CONSTRUCTOS DO DISCURSO DA IDEOLOGIA PATRIARCAL EM JOÃO DE BARRO E CABOCLA TERESA


Alguimar Amancio da Silva
Marlon Leal Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210713>

CAPÍTULO 14..... 166

“VOCÊ QUER A BUNDINHA?” - A CONSTRUÇÃO DO DESLIZAMENTO DO SENTIDO EM ANÁLISE DO DISCURSO


Alguimar Amancio da Silva
Marlon Leal Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210714>

CAPÍTULO 15..... 178

O DISCURSO PRESENTE NA OBRA LITERÁRIA DE GRACILIANO RAMOS EM “VIDAS SECAS”: A INTER-RELAÇÃO ENTRE A ESCASSEZ DA LINGUAGEM VERBAL E A EXCLUSÃO SOCIAL


Moyana Mariano Robles Lessa
Alinne Arquette Leite Novais
Carlos José de Castro Costa
Hideliza Lacerda Tinoco Boechat Cabral
Carlos Henrique Medeiros de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210715>

CAPÍTULO 16..... 189

IRACEMA, A ÍNDIA DO PAU OCO


Juliana Ferreira Lima Paiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210716>

CAPÍTULO 17..... 202

TRAVESSIAS PEDAGÓGICAS NO ENSINAR E APRENDER LITERATURA NO ÂMBITO DAS MÍDIAS DIGITAIS


Carlos Wiennery da Rocha Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210717>

CAPÍTULO 18..... 213

IDENTIDADES EM ESTADO DE TENSÃO: IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE COMO CATEGORIA PERFORMATIVA

Waltersar José de Mesquita Carneiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210718>


CAPÍTULO 19..... 225

FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE TONANTINS-

AMAZONAS: UM ESTUDO A PARTIR DO PARFOR

Neize Laura de Lima Deveza


Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210719>

CAPÍTULO 20.....237

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NOS CURSOS DE LETRAS: POR UMA EDUCAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA CONSCIENTE


Vera Maria Ramos Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210720>

CAPÍTULO 21.....244

UM NOVO MUSEU DE VELHAS NOVIDADES: O SILÊNCIO, A ESCOLA E O SISTEMA PÚBLICO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210721>

CAPÍTULO 22.....257

AMOR OU ÓDIO? PAULO FREIRE - DISCURSOS DE PODER DO (DES) GOVERNO EDUCACIONAL BRASILEIRO - UM OLHAR A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT

Rodrigo Parras

Marcia Aparecida Amador Máscia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210722>


CAPÍTULO 23.....270

AS PRÁTICAS DE LEITURA SOB A PERSPECTIVA SOCIAL

Dayane Pereira Barroso de Carvalho

Zanado Pavão Sousa Mesquita


Maria da Guia Taveiro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210723>

CAPÍTULO 24.....279

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE LEITURA PARA PRODUÇÃO DE RESUMOS A PARTIR DO PLANEJAMENTO COM MÉTODO O CORNELL

Felipe Alves dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210724>

CAPÍTULO 25.....295


UM MENINO, SUA AMIGA, UM FICHÁRIO... E O INCENTIVO À LEITURA: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO REMOTO






Rhaísa Sampaio Bretas Barreto

Priscila de Andrade Barroso Peixoto

Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi

Eliana Crispim França Luquetti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210725>

CAPÍTULO 26.....	306
LITERATURA QUE LIBERTA: O PROJETO REMIÇÃO DA PENA PELA LEITURA EM UMA UNIDADE PRISIONAL MASCULINA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES	
Caroline de Almeida Delgado Liz Daiana Tito Azeredo da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210726	
CAPÍTULO 27.....	316
NAS MALHAS DA REFERENCIA(ÇÃO): TECENDO LEITURAS E PRODUZINDO TEXTOS	
Patricia Ferreira Neves Ribeiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210727	
CAPÍTULO 28.....	324
CONCEPÇÕES DE ENSINO DE LÍNGUA: DESDOBRAMENTOS E PRÁTICAS	
Heliud Luis Maia Moura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210728	
CAPÍTULO 29.....	339
O PROCESSO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM UMA ESCOLA WAPICHANA EM RORAIMA	
Naira Matias da Silva Maria do Socorro Melo Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210729	
CAPÍTULO 30.....	354
BASE DE DADOS TEXTUAL JURIDOCs: FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NA ÁREA JURÍDICA	
Rosana Corga Fernandes Durão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.65121210730	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	364
ÍNDICE REMISSIVO.....	365

ESTAGNAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

Data de aceite: 12/07/2021

Data de submissão: 04/06/2021

Cássia Cristina Rezende

Universidade Federal de Goiás
Goiânia – GO
<https://orcid.org/0000-0001-8463-1907>

Denner Robert Faria

Universidade Federal de Goiás
Goiânia – GO
<https://orcid.org/0000-0002-7779-9987>

Paulo César Rezende

Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás
Gilvan Sampaio
Rubiataba – GO
<https://orcid.org/0000-0002-0838-2125>

Aline Franciel de Andrade

Universidade Federal de Goiás
Goiânia – GO
<https://orcid.org/0000-0001-8231-553X>

Jaqueline Lima da Conceição Souza

Universidade Federal de Goiás
Goiânia – GO
<https://orcid.org/0000-0003-1829-2665>

Laylla Luanna de Mello Frasca

Universidade Federal de Goiás
Goiânia – GO
<https://orcid.org/0000-0002-3572-1145>

Mariana Aguiar Silva

Universidade Federal de Goiás
Goiânia – GO
<https://orcid.org/0000-0003-0297-5576>

RESUMO: O presente estudo tem como tema “Estagnação da Língua Inglesa no Brasil”. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pautada nos pressupostos teóricos de vários autores e fontes sobre os motivos do Brasil estar estagnado, sem avanços em relação ao ensino da língua inglesa. Nestes termos, o estudo teve como principal objetivo refletir acerca do ensino e da aprendizagem de língua inglesa no Brasil partindo de uma perspectiva que contemple os fatores socioculturais e, também, os fatores linguísticos que podem influenciar o aprendizado de uma língua estrangeira. O estudo se justifica devido ao elevado grau tecnológico da atualidade, exigir cada vez mais que a sociedade esteja preparada para atuar em situações onde a língua inglesa será necessária, sendo imprescindível discutir e revisar continuamente a temática das causas dessa estagnação. Como resultado percebe-se que os grandes pilares reflexivos para essa problemática são o descaso da sociedade em aprender uma língua estrangeira, falta de investimentos governamentais e despreparação dos profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização. Ensino. Língua estrangeira. Aprendizado.

ENGLISH LANGUAGE STAGNATION IN BRAZIL

ABSTRACT: The present study has as its theme “English Language Stagnation in Brazil”. It is a bibliographical research, based on the theoretical assumptions of several authors and sources about the reasons why Brazil is stagnant, without advances in relation to the teaching of the English language. In these terms, the study had as main

objective to reflect on the teaching and learning of English in Brazil from a perspective that contemplates the sociocultural factors and also the linguistic factors that can influence the learning of a foreign language. The study is justified due to today's high technological level, which increasingly demands that society be prepared to act in situations where the English language will be necessary, and it is essential to continually discuss and review the theme of the causes of this stagnation. As a result, it is clear that the main reflective pillars for this problem are society's neglect of learning a foreign language, lack of government investment and unpreparedness of professionals.

KEYWORDS: Globalization. Teaching. Foreign language. Apprenticeship.

1 | INTRODUÇÃO

Conforme a globalização econômica permeia e cresce no mundo, surge a necessidade de encontrar uma ponte que conecte um país ao outro, como uma língua compartilhada (Schmitz, 2014). A aquisição de proficiência em inglês contribui na comunicação internacional, auxiliando na expansão de negócios, assim como aumento do poder aquisitivo e a perspectiva de salário de profissionais falantes da língua. Além disso, ajuda a disseminar ideias, tecnologia e inovação, em uma única linguagem pela qual pode-se comunicar e colaborar (Gimenez et al., 2011).

O Inglês tornou-se uma espécie de “*lingua mundi*” ou “*Word English*”, nutrindo a comunicação entre diferentes nações, escapando das mãos dos ingleses, dos norte-americanos, dos novo-zelandeses, dos australianos e de todos aqueles que, até pouco tempo atrás, eram tidos como proprietários do idioma (Rajagopalan, 2014). Concomitantemente com os avanços da era tecnológica e o grande desenvolvimento da economia, principalmente dos Estados Unidos, que ocorreu mediante a importação e exportação de seus produtos e ao fluxo de pessoas nos países, proporcionou ao país o domínio do mercado mundial por longas décadas (Harvey, 2004) contribuindo para que a língua inglesa fosse, então, mais rapidamente disseminada.

Considerado como a linguagem da ciência, dos negócios e da diplomacia, o Inglês vem ganhando cada vez mais espaço (Carreão, 2017). Assim, a proficiência em uma língua estrangeira é um forte indicador da competitividade econômica e das perspectivas futuras de um país. Falantes nativos de diversas línguas, a cada ano, estão aprendendo e estudando inglês. Sistemas públicos de ensino de países do mundo todo ensinam inglês durante o Ensino Fundamental ou até na Educação Infantil. As instituições de Ensino Médio estão tornando o inglês imprescindível e incluindo ensinamentos em inglês em suas matérias acadêmicas (Brasil, 1996 e 1999).

Porém o Brasil deixa a desejar em muitos quesitos, com seus alicerces bastante fundamentados no ensino de língua inglesa supostamente homogênea, monolítica e padrão (Silva, 2019). Analisando o cenário brasileiro, a desigualdade social e a falta de acesso à educação dificultam o alcance de posições mais altas no mercado, por classes

sociais inferiores, assim como também afetam a relevância global do país (Carreão, 2017). Acredita-se que as possíveis respostas para essa problematização estejam ligadas a escassez de investimentos governamentais e privados no ensino da língua inglesa, na falta de preparação eficiente dos profissionais e a falta de interesse dos brasileiros em aprenderem uma nova língua (Barcelos, 2006). Esse conjunto contribui em grande escala para a estagnação da língua inglesa no Brasil.

Diante disso, o estudo teve como objetivo apresentar algumas reflexões que indiquem a problematização dessa estagnação do inglês no Brasil. Como objetivos específicos pretende-se esclarecer quais são as causas para esta estagnação, apresentar propostas a serem utilizadas para maximizar o ensino da língua inglesa e discutir como as instituições acadêmicas têm tratado o tema.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia do estudo

O estudo aborda a estagnação da língua inglesa no Brasil. Trata-se de um estudo de caráter teórico, incluindo uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e abordagem qualitativa com a pretensão de ser uma simplificada sistematização sensata de pensamentos consequentes de fontes consagradas, acerca de um assunto específico. Foi estabelecido uma pesquisa de delineamento bibliográfico para a classificação de obras na literatura. Esta metodologia permite a identificação de tendências, recorrências e lacunas no campo de conhecimento averiguado a partir da literatura vivente.

O trabalho é estruturado por abordagem descritivas de temas sobre o assunto, dividido em questões de ensino baseada na Matriz Curricular de escolas, estudos sobre a classificação do Brasil perante o mundo, dentro da desenvoltura em língua inglesa e a importância do Inglês nas empresas e no cenário mercadológico.

2.2 Ensino da Língua Inglesa no Brasil

Através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação e os Parâmetros Curriculares Nacionais, é determinado que o ensino de língua estrangeira, seja no ensino básico e fundamental. Porém, reconhece-se que o ensino de inglês na educação básica, seja privada ou pública, não tem sucesso em formar indivíduos com um nível básico de proficiência nesse idioma (Carreão, 2017). Os motivos e causas, estão ligados a estrutura insuficiente para um ensino adequado da língua e salas com número elevado de alunos, carga horária insuficiente e a dificuldade de encontrar professores realmente preparados (Gementi; Cabrera, 2014).

O ensino do inglês no Brasil compreende a noções iniciais das regras gramaticais, leitura de textos curtos e desenvolvimento da habilidade de resolver testes de múltipla escolha, não tendo incentivo em prática orais, onde o indivíduo é motivado a expor o que

aprendeu, em forma verbal (Mahomed, 2018). No ensino escolar, cada matéria apresenta um currículo estabelecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Esses currículos são bem avaliados, porém não oferecem condições suficientes para aplicabilidade em situações necessárias (Unesco, 2015). Nesse contexto, a estagnação do inglês no Brasil é causada por vários fatores, não envolvendo apenas a falta de capacitação profissional. Entre os fatores estão a falta de estrutura adequada nas escolas, que não possuem infraestrutura para oferecer um ensino de língua estrangeira, além da falta de investimentos e recursos destinados ao ensino de língua estrangeira, que resultam em déficit de profissionais e laboratórios de línguas, dificultando o avanço do ensino nessa vertente (Moreno, 2014).

Segundo Gasparini (2019), assim, é impossível exercer eficiência no ensino de outra língua de forma a tornar os indivíduos fluentes. O exercício mais afetado é o de comunicação oral, infelizmente fica inevitavelmente restrito. Não se pode negar que outro aspecto na formação dos professores de idiomas hoje atuantes na educação básica é a falta de preparo adequado. Nesse contexto, é comum a valorização de professores que sejam falantes nativos, pois, para muitas escolas eles apresentam maior legitimidade para ensinar a língua (Kramsch, 2013). Contudo, esse parâmetro não apresenta relevância legítima, visto que, devido à explosão de falantes não-nativos de língua inglesa ao redor do mundo, os modelos de ensino nativizados, tidos como referência, não apresentam mais garantia de serem os mais internacionalmente inteligíveis (Siqueira, 2011), visto ainda que, 80% dos profissionais da área de ensino de inglês no mundo não são nativos (Barcelos, 2006).

Buscando entender o assunto, a formação acadêmica atual, bacharelado em Letras seguido de licenciatura, não é suficiente para preparar o professor para enfrentar a atual situação do Brasil em relação ao ensino de inglês (Barcelos, 2003). Devido as deficiências no ensino básico de inglês, há carência de profissionais que saibam realmente se comunicar no idioma e tenham vivido uma experiência internacional (Moreno, 2017). Essa limitação tem grande efeito sobre o país, de forma que não há profissionais altamente capacitados para exercer essa função. Segundo Carreão (2017), no Brasil, uma das formas “fundamentais” para elevar o nível de inglês no país é a valorização e a capacitação dos professores. Essa capacitação dá acesso à tecnologia, principal impulsionadora do desenvolvimento, sendo uma ferramenta de ensino e aprendizado muito poderosa.

A formação de professores é um aspecto fundamental para o desenvolvimento do ensino de língua inglesa. O educador necessita de um conhecimento amplo, visto que é um mediador que leve a sala de aula propostas de ensino que permitam ao aluno experimentar situações de comunicação com a língua alvo que vão além do contato com esquemas disponíveis no sistema linguístico (Siqueira, Anjos, 2012).

A proficiência em inglês dos professores brasileiros precisa ser testada e aqueles que não obtiverem um resultado bom, devem ser treinados novamente. Algumas medidas precisam ser tomadas como contratar profissionais mais qualificados e treinados no ensino

da língua inglesa, além de aprimorar o treinamento e padronizar o currículo de inglês (Ha, 2005). O inglês precisa ser colocado em prática no Brasil, só assim o país sairá do status de estagnação para progresso. Há muitas iniciativas a serem tomadas, porém não deve, partir apenas do governo, cabendo a população, individualmente, buscar o aprendizado do idioma (Mahomed, 2018).

2.3 Proficiência da língua inglesa dos brasileiros

Várias reportagens (G1, 2014) apontam o nível de inglês dos brasileiros como “ruim”, estando mais da metade dos executivos de alta e média gerência do país no nível “básico” de inglês. Outro estudo mais abrangente da Education First (2014) aponta 80% da população de classe média brasileira como sendo sem conhecimento de qualquer língua estrangeira e ainda classifica o Brasil na 53ª posição, entre 100 países, no que se refere à proficiência em língua inglesa (Education First, 2020).

O nível de inglês dos brasileiros é o atual retrato de como o Brasil tem investido em ensino de línguas estrangeiras. Não há incentivos e não é mostrado aos indivíduos a real importância dessa prática. Porém, deve-se ressaltar que as novas gerações são mais escolarizadas que as anteriores, possibilitando um pequeno salto no ensino de inglês no Brasil. A responsabilidade em fazer o Brasil se tornar um país com nível de inglês superior, não é exclusivo do governo, e sim uma contribuição de muitos setores (Moreno, 2017).

Segundo Moreno (2014), os motivos do Brasil não ter avançado significativamente no inglês ainda não são claros. Visivelmente definiram não investir em treinamento de professores, devido ao país ter outras prioridades no momento. Porém, um país com as dimensões do Brasil só poderá evoluir de nível no ensino do inglês se mudar suas estratégias na formação dos professores, em especial aqueles que atuam na rede pública.

Apresentando uma pontuação média de proficiência, a América Latina é a mais fraca entre todas as regiões, sua proficiência quase não ultrapassa o valor mínimo exigido. Isso pode ser parcialmente explicado pela importância do espanhol na região, sendo um idioma compartilhado que já permite atividades de comércio internacional (Mahomed, 2018). Existe cinco categorias de proficiência na língua inglesa: “muito alta”, “alta”, “moderada”, “baixa” e “muito baixa”. Com exceção de 2012, onde o Brasil foi rebaixado a proficiência “muito baixa”, o país sempre esteve no grupo de proficiência “baixa”. O Brasil se mantém estagnado no nível de proficiência “baixo” da língua, segundo os dados da edição 2017 do Índice de Proficiência em Inglês (Gementi; Cabrera, 2014).

O Brasil registrou um pequeno aumento entre 2016 e 2017, atingindo seu mais alto índice na história, de 50,66 para 51,92. Porém, esse índice não está muito acima do nível de 2015, que foi de 51,05. Analisando os outros países, o Brasil saiu da 40ª para a 41ª posição, e ficou suavemente superior ao índice médio da América Latina, que neste ano chegou a 51,47 (Carreão, 2017). Porém, o Brasil esteve abaixo da pontuação média mundial (53,18), e dos países africanos (52,28). O Brasil ficou na última posição entre os

Brics, perdendo para a África do Sul, Índia, China e Rússia pela segunda vez consecutiva. O Brasil precisaria subir quase dois pontos no índice para atingir o nível “moderado” (Gasparini, 2019).

Ao comparar a proficiência em inglês com outras variáveis, percebe-se que o domínio da habilidade na língua inglesa é maior em país com maior renda nacional e mais acesso à internet. Isso fica nítido quando países de renda nacional líquida ajusta per capita alta estão no grupo de proficiência “muito alta”. Em países com proficiência alta, a internet é acessível a quase o dobro da população, em comparação com países de proficiência baixa (McKay, 2004).

Muitos países vêm se mostrando capaz de superar a carência de recursos e infraestrutura. O Vietnã, país asiático, apresenta uma situação parecido ao do Brasil. Porém, dois aspectos importantes contribuíram para que o Vietnã implementasse um salto no aprendizado da língua inglesa. Um investimento no valor de R\$ 1,5 bilhão para o ensino de inglês foi o primeiro deles, sendo 80% desse valor dedicado à capacitação de profissionais. O segundo foi a otimização do uso da internet, a população vietnamita tem menos acesso à internet do que a brasileira. Enquanto lá a taxa foi de 53% em 2015, no Brasil, a penetração da internet foi de 59% (British Council, 2014a).

A China deve ser utilizada como exemplo também, entre o grupo de países com proficiência “baixa” devido ser o país que alcançou a pontuação mais alta de proficiência tendo apenas 50% da população com acesso à internet. Outra estratégia valiosa que deve ser utilizada para alavancar o nível de inglês do país é o estímulo ao intercâmbio (Gementi; Cabrera, 2014). Programas do Ministério da Educação, como o Ciências sem Fronteiras ou programas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) representam uma oportunidade imperdível e singular na vida para qualquer pessoa viajar para fora do país e colocar seu inglês em prática, além de adquirir conhecimento e cultura (Ha, 2005).

2.4 A língua inglesa e as empresas brasileiras

Mudando a vertente e focando no mercado de trabalho, uma pesquisa de 2007 com 10 mil funcionários de corporações multinacionais que não são nativos indicou que 49% deles usa inglês todos os dias no trabalho. Apenas 9% afirmaram nunca usar inglês no ambiente profissional (Moreno, 2017). Não somente em negócios internacionais, o inglês se tornou o idioma padrão da comunicação, além disso é o idioma utilizado em todo contexto em que duas pessoas não compartilham a mesma língua nativa. O inglês claramente serve como um instrumento para conduzir uma comunicação comum entre ambos indivíduos. O inglês é cada vez mais exigido e considerado como uma habilidade imprescindível para todos os cidadãos que participam da economia globalizada, sendo a proficiência em inglês um diferencial potencial (Barcelos, 2003).

A demanda das empresas por profissionais com proficiência em inglês está

fortemente relacionada as formas de gestão das empresas. Empresas que abrangem o modelo burocrático, defendem a ideia de que treinamentos são “gastos” e não “investimentos”. Sendo assim, a estratégia é contratar profissionais já capacitados, ou seja, proficientes na língua inglesa, evitando assim gastos (Mahomed, 2018). Enquanto, empresas de modelo empreendedor buscam valorizar e incentivar o aperfeiçoamento dos profissionais, acreditam que treinamentos são investimentos a longo prazo. Porém, os dois modelos valorizam treinamentos práticos, que tragam retornos a rápido e longo prazo a empresa de modo a contribuir com o investimento realizado (Carreão, 2017).

São empresas com modelos e visões diferentes, mas demandam um tipo prático de treinamento na língua inglesa: o English for Specific Purposes ou ainda “Inglês Instrumental”, que é um tipo específico do estudo do inglês. Nesse caso, essas empresas precisam de profissionais que saibam lidar com acontecimentos do dia a dia e que combinem com as funções exercidas pelo profissional (Barcelos, 2003). Os treinamentos devem atender a expectativa das empresas e dos profissionais, mostrando ser algo eficiente que torne os funcionários capazes de compreender manuais e softwares específicos e aptos a conversação em diferentes situações (fala e compreensão oral) para contato com representantes internacionais, clientes e fornecedores. Sendo assim, habilidades como competências gramaticais e a escrita, em geral, são menos valorizadas (British Council, 2014a).

Nesse quesito, as empresas exigem há valorização de treinamentos mais dinâmicos que ampliem a agilidade e capacidade de improvisação na comunicação e compreensão. Apesar disso, poucas empresas consideram o conhecimento de inglês um pré-requisito indispensável e essencial (Ha, 2005). Talvez essa postura seja adquirida pelas empresas exatamente para se adequar à realidade da escassez de profissionais com conhecimentos de inglês existentes no mercado brasileiro. O candidato com proficiência em inglês tende a ser valorizado, não sendo uma regra, porém as empresas não deixam de contratar os que não sabem a língua. Em alguns casos, profissionais com habilidade em inglês são contratados por um salário maior para uma mesma função daqueles que não possuem proficiência em inglês, mas essa prática não é consensual (McKay, 2004).

Contudo, de acordo com relatório de British Council (2014b), dominar a língua inglesa pode levar a 40% maiores possibilidades de crescimento na carreira e no salário dentro de uma empresa, apontando ainda apenas 5% dos brasileiros como confiantes em relação a seu desempenho comunicativo em inglês. Ainda, estudos do British Council (2013) apontam que o inglês é considerado primordial para 48% das empresas que contratam um novo colaborador e apenas 38% das organizações encontram-se satisfeitas com o nível de inglês de seus colaboradores.

Existe uma incógnita se realmente profissionais com proficiência em inglês recebem salários superiores aos demais funcionários. Essa linha de pensamento gera uma expectativa que investir no aprendizado de uma língua estrangeira agrega aumento

considerável no salário (Moreno, 2014). Acredita-se que a capacitação em inglês gera um ganho superior a 40%, no entanto isso não se aplica a todas as empresas, inclusive, algumas delas não fazem distinção entre funcionários com proficiência ou não. Em um país onde tem-se alto índice de desemprego, os indivíduos aceitam receber a mesma quantidade que outro indivíduo que não investiu em uma capacitação da língua, apenas para não perder a oportunidade de emprego (Unesco, 2015).

As maiores dificuldades estão relacionadas às competências de fala, escrita e compreensão. Não há o incentivo no desenvolvimento da fala e compreensão da língua inglesa. Geralmente a competência mais incentivada e colocada em prática é a leitura, 76% das pessoas que estudaram inglês fazem uso da leitura com alguma frequência. Porém, falta o contato direto com nativos ou indivíduos proficientes para desenvolver as habilidades em uma língua estrangeira, colocando em prática todo o conteúdo aprendido e absorvido durante o treinamento ou curso (Moreno, 2017).

Moreno (2014), mostra que a maioria dos indivíduos acreditam apresentar uma capacidade insuficiente para a comunicação oral em inglês, fazendo com que se empenhem mais na fala (50%) e na compreensão (37%). Os brasileiros raramente se colocam em situações que o inglês seria necessário, por outro lado estão em contato com filmes, músicas e entrevistas em inglês. Porém, tudo isso gera uma enorme preocupação em relação a gramática. Atualmente, muitas pessoas reconhecem a incapacidade na comunicação oral e buscam métodos de ensino que estimulem a conversação, forçando o desenvolvimento das habilidades do aluno. A conversação pode ser estimulada através de pequenas conversas visando expandir o vocabulário e aprofundar as regras gramaticais da língua, discussão de assuntos atuais e diretamente relacionados ao dia a dia profissional e pessoal (Unesco, 2015).

A existência de ferramentas capazes de facilitar a comunicação, desvaloriza a escrita e a leitura, o que não acontece com a fala. Essas ferramentas incluem programas ou aplicativos de tradução, como o Google Translator, dicionários impressos e online (McKay, 2004). Em conversação e escrita há mais tempo para processar informações e uma menor exigência por improvisação. O cérebro tem mais tempo para processar a escrita e a leitura, enquanto que para conversação não acontece o mesmo. A mente fica presa na tradução de cada palavra ou até mesmo nas regras gramaticais, impedindo a mente de deixar que o inglês flua naturalmente (Gementi; Cabrera, 2014).

De acordo com Ha (2005), devido a atual situação do Brasil poucos seriam os falantes bilingües português-inglês, já que o inglês não apresenta lugar de destaque no país. Os motivos podem ser vários, desde questões ligadas a políticas públicas de educação até formação de professores. Em outros países, o inglês recebe destaque na rede de ensino, o setor educacional incentiva o aprendizado de uma língua estrangeira. Desde a educação básica os alunos são cobrados em relação a proficiência da língua inglesa. Em países como Coreia do Sul, os melhores cargos são destinados a quem apresenta uma proficiência alta

de inglês combinado com um excelente currículo (Gasparini, 2019).

Portanto, pesquisas sugerem que o ensino da língua inglesa deve passar por uma reestruturação visando um ensino de qualidade com estratégias de comunicação eficaz. O progresso do Brasil no quesito proficiência de inglês será um processo lento, serão necessários alguns anos até que o país aumente seu índice propagando sua eficiência na língua (Gasparini, 2019). O inglês que o país mostra é bem diferente do desejado, a disseminação de um ensino melhor irá levar algum tempo para chegar nas salas de aulas e empresas. Porém, indivíduos ensinados com um novo modelo de ensino irão ser capazes de se comunicar sem dificuldades, serão adequados para o mercado de trabalho (Mohomed, 2018). O Brasil é um país que tem potencial para avançar no ensino da língua inglesa e conquistar índices de “proficiência alta”, mas precisa investir economicamente e em táticas de ensino, além de incentivar e conscientizar a população da importância que uma língua estrangeira apresenta (Moreno, 2017).

3 | CONCLUSÃO

A habilidade de se comunicar em outra língua estrangeira, como o inglês está rapidamente se tornando um requisito da economia globalizada. Os governos e a população reconhecem esta tendência e estão impulsionando a explosão de aprendizado do idioma inglês, porém ainda faltam investimentos na educação para treinar de forma eficiente os profissionais. Ações como ensinar inglês em escolas públicas como idioma obrigatório para todos os alunos, continuando esse aprendizado durante todo o Ensino Médio e na educação universitária e profissional pode impulsionar o Brasil a sair da estagnação no Inglês.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, A. M. F. “What is wrong with a Brazilian accent?”. Horizontes de Linguísticas Aplicada, v. 2, n.1, p. 7-21, 2003.

BARCELOS, A. M. F. **Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês**. Linguagem & Ensino, v.9, n.2, p.145-175, 2006.

BRASIL. LDB. **Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília. DF. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

BRITISH COUNCIL. **Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil**. Teaching English, Pinheiros: São Paulo, 1ª edição, 2014a. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompleta.pdf>. Acesso em: 05. abr. 2021.

BRITISH COUNCIL. **Learning English in Brazil**. 2014b. Disponível em: <<https://br.live.solas.britishcouncil.net/pesquisasinfograficos>>. Acesso em: 18. mai. 2021.

BRITISH COUNCIL. **O estudo latino-americano de habilidades profissionais**. 2013. Disponível em: <<https://br.live.solas.britishcouncil.net/pesquisasinfograficos>>. Acesso em: 18. mai. 2021.

CARREÃO, V. **Língua-franca ou “inglês-brasileiro”? Reflexões sobre o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil**. Revista Desafios, v. 04, n. 03, 2017.

EDUCATION FIRST. **English Proficiency Index**. 2014. Disponível em: <<http://www.ef.co.uk/epi/spotlights/latinamerica/brazil/>>. Acesso em: 18. abr. 2021.

EDUCATION FIRST. **English Proficiency Index**. 2020. Disponível em: <<https://www.ef.com.br/epi/>>. Acesso em: 18. abr. 2021.

G1. **Cai o total de alunos na rede pública, apontam dados da Pnad 2014**. G1, São Paulo, 2014. Educação. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/11/cai-ototal-de-alunos-na-rede-publica-apontam-dados-dapnad-2014.html>>. Acesso em 07. mai. 2021.

GASPARINI, C. **Veja como anda o nível de inglês dos executivos brasileiros**. Revista Exame Online, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/veja-como-anda-o-nivel-de-ingles-dos-executivos-brasileiros/>>. Acesso em: 16. mai. 2021.

GEMENTI, M. M.; CABRERA, G. F. **A importância da língua inglesa para os administradores de empresa**. Revista Matiz Online, v. 1, p. 1-11. 2016.

GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 193-220, 2011.

HA, P. L. **Toward a Critical Notion of Appropriation of English as an International Language**. Asian EFL Journal, v.3, n.3, 2005.

HARVEY, D. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

KRAMSCH, C. **Culture in foreign language teaching**. Iranian Journal of Language Teaching Research, v. 1, n. 1, p. 57-78, 2013.

MAHOMED, C. **“Por que o nível de inglês não melhora”?**. EF International Language Campuses, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.ef.com.br/blog/language/nivel-ingles-brasil-nao-melhora/>>. Acesso em: 16. mai. 2021.

MCKAY, S. L. **Teaching English as an International Language: rethinking goals and approaches**. Studies in Second Language Acquisition, v. 26, n. 1, p. 128-129, 2004.

MORENO, A. C. **Com proficiência baixa em inglês, Brasil fica estagnado em ranking**. G1-Globo educação, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/11/com-proficiencia-baixa-em-ingles-brasil-fica-estagnado-em-ranking.html#:~:text=Com%20profici%C3%Aancia%20baixa%20em%20ingl%C3%AAs,estagnado%20em%20ranking%20%7C%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20%7C%20G1&text=Pa%C3%ADs%20manteve%20a%2038%25%20posi%C3%A7%C3%A3o,%C3%ADndice%20foi%20de%2050%2C07>>. Acesso em: 05. abr. 2021.

MORENO, A. C. **Estagnado há cinco anos, Brasil segue com proficiência baixa em inglês e atrás de todos os Brics**. G1- Globo educação, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/estagnado-ha-cinco-anos-brasil-segue-com-proficiencia-baixa-em-ingles-e-atras-de-todos-os-brics.ghtml>>. Acesso em: 27. abr. 2021.

RAJAGOPALAN, K. **O professor de línguas e a suma importância do seu entrosamento na política linguística do seu país**. Política linguística e ensino de língua, Campinas, SP: Pontes Editores, p. 73-82, 2014.

SCHMITZ, J. R. **Looking under Kachru's (1982, 1985) Three Circles Model of World Englishes: The Hidden Reality and Current Challenges**. RBLA, v. 14, n. 2, p. 373-411, 2014.

SILVA, F. M. **O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios**. Trabalho Linguística Aplicada, v. 58, n.1, p. 158-176, 2019.

SIQUEIRA, D. S. P.; ANJOS, F. A. dos. **Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento**. Muitas Vozes, v.1, n.1, p. 127-149, 2012.

SIQUEIRA, D. S. P. **World English: inglês como língua internacional, inglês como língua franca**. Políticas da norma e conflitos linguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, p. 333-354, 2011.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **The Education For All by 2015 Global Monitoring Report**. Oxford: Oxford University Press, 2015. Disponível em: <http://pure.iiasa.ac.at/id/eprint/13796/2/15148_CESDEG_FINAL%20REPORT%20LIT-REVIEW_CoverPage-OSR.pdf>. Acesso em: 13. mai. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 130, 139, 145, 151, 152, 153, 154, 156, 163, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 176, 177, 190, 257, 259, 323, 338

C

Comunicação 26, 41, 42, 51, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 76, 77, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 93, 95, 96, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 153, 163, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 191, 203, 204, 205, 229, 231, 263, 269, 284, 328, 342, 348, 354, 359, 360

D

Discurso 8, 21, 26, 32, 36, 48, 49, 50, 72, 74, 80, 86, 88, 93, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 189, 190, 191, 193, 195, 198, 200, 205, 207, 213, 217, 218, 220, 222, 223, 224, 248, 249, 250, 252, 254, 255, 257, 259, 264, 266, 267, 268, 291, 293, 316, 317, 318, 323, 326, 327, 328, 329, 338, 342, 348

Discursos 33, 41, 50, 52, 130, 133, 135, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 147, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 168, 171, 173, 174, 176, 190, 195, 212, 222, 223, 252, 254, 257, 258, 263, 264, 283, 328, 330, 332, 335, 336, 337

E

Educação 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 63, 98, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 128, 131, 138, 142, 150, 179, 181, 183, 185, 187, 211, 212, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 245, 246, 247, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 277, 283, 293, 294, 296, 298, 304, 306, 307, 309, 311, 312, 313, 314, 324, 339, 340, 341, 345, 346, 348, 350, 351, 352, 354, 363, 364

Ensino de língua 98, 99, 100, 107, 109, 233, 236, 238, 277, 294, 317, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 342, 352, 364

Ensino remoto 295, 296, 298, 301, 303, 304

Escola 11, 60, 87, 90, 95, 107, 129, 202, 203, 204, 206, 210, 212, 217, 221, 224, 226, 228, 235, 236, 238, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 258, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 294, 297, 298, 299, 300, 301, 305, 314, 316, 317, 321, 323, 328, 330, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 360, 364

F

Formação de professores 100, 104, 106, 108, 208, 211, 212, 225, 226, 227, 228, 230, 236, 283, 341, 360, 364

G

Gesto-fala 87, 88, 89, 95, 96

Gramática 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 34, 69, 73, 74, 104, 109, 147, 219, 238, 242, 274, 332, 335, 336, 342, 346, 347, 351, 353

H

Historiografia linguística 2, 12, 13, 21

I

Indígenas 3, 4, 19, 25, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 241, 339, 340, 341, 342, 344, 346, 348, 350, 351, 352, 353

Intervenção pedagógica 237, 239, 241

J

Jurídico 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361

L

Leitura 2, 4, 8, 9, 11, 28, 44, 50, 59, 71, 81, 83, 99, 104, 111, 114, 116, 117, 118, 122, 128, 129, 134, 136, 144, 151, 155, 196, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 231, 236, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 317, 318, 319, 320, 323, 324, 331, 332, 333, 335, 336, 337, 338, 346, 364

Lexicogramática 23, 27

Linguagem 11, 18, 20, 26, 27, 35, 36, 37, 40, 41, 44, 49, 51, 53, 58, 59, 60, 62, 69, 70, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 98, 105, 109, 128, 130, 131, 135, 136, 138, 145, 147, 149, 152, 158, 168, 169, 172, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 203, 209, 212, 214, 220, 222, 229, 243, 245, 251, 252, 255, 265, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 283, 284, 286, 287, 294, 297, 298, 313, 316, 317, 318, 327, 328, 330, 332, 333, 337, 338, 342, 346, 350, 352, 353, 354, 355, 356, 361, 362, 364

Língua inglesa 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Línguas 19, 20, 25, 28, 39, 65, 66, 67, 68, 70, 98, 100, 101, 107, 109, 153, 225, 226, 229, 230, 240, 241, 272, 318, 324, 337, 339, 341, 346, 350, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363

Linguística 1, 2, 3, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 21, 22, 23, 26, 33, 39, 40, 43, 48, 50, 63, 65, 66, 67, 68, 71, 74, 79, 85, 86, 89, 90, 95, 96, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 127, 128, 129, 140, 143, 147, 148, 151, 152, 153, 166, 168, 170, 218, 220, 224, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 273, 274, 275, 279, 286, 293, 316, 317, 328, 329, 334, 335, 336, 342, 352, 355, 356, 364

Literatura 38, 99, 109, 112, 133, 142, 143, 185, 186, 187, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 222, 236, 246, 251, 252, 255, 256, 295, 296, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 306, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 339, 353, 364

M

Metáforas 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 49, 50, 153, 219

Mídias digitais 202, 204, 205, 206, 210, 299

P

Pandemia 35, 36, 38, 40, 42, 43, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 112, 116, 127, 226, 245, 296, 303

Profissional docente 213, 220, 221, 222, 223, 259

S

Saúde 35, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 57, 60, 61, 62, 185, 245, 274, 275, 276

Sentido 25, 26, 27, 28, 31, 33, 38, 41, 49, 51, 53, 58, 61, 67, 69, 75, 78, 80, 81, 82, 84, 90, 92, 95, 130, 134, 135, 138, 143, 148, 152, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 163, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 185, 190, 192, 195, 197, 205, 210, 214, 220, 223, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 245, 249, 252, 253, 254, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 275, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 293, 297, 298, 308, 312, 316, 317, 318, 321, 325, 330, 331, 333, 335, 337, 342, 356

Sistema público educacional 244

T

Tecnologia 52, 91, 92, 95, 98, 100, 130, 205, 209, 210, 212, 346, 352

Linguística:

Linguagem,
línguas naturais e
seus discursos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

Linguística:

Linguagem,
línguas naturais e
seus discursos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021